

# REFLEXOS NA ESCRITA DE CERTOS FUNCIONAMENTOS DO SISTEMA LINGUÍSTICO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

REFLECTIONS IN WRITING SOME OPERATIONS THE  
SYSTEM OF PORTUGUESE LANGUAGE OF BRAZIL

Carla Maria Cunha<sup>\*</sup>, Maria Margarete Fernandes de Sousa<sup>\*\*</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivos gerais identificar possíveis motivações para o uso inesperado de vírgula em textos acadêmicos e correlacionar certa presença de vírgula a determinadas motivações linguísticas. Nesta perspectiva, certas ocorrências ora são tidas como erradas, ora são vistas como resultantes de um entendimento inesperado do funcionamento do sistema. A análise toma por base um *corpus* constituído por textos escritos por alunos do Ensino Superior. Para a análise do material, nos apoiamos na abordagem da gramática tradicional, mas também no conteúdo da gramática descritiva, que não exclui de sua abordagem a norma, a regra, mas busca alcançá-las a partir da análise, no caso, de que diferentes usos da vírgula podem estar associados, por exemplo, a determinadas recorrências de estruturas oracionais da língua, à força do nível fonético-fonológico sobre o sintático, ou a divisões sintagmáticas. A análise dos dados revela que os alunos estão, de certa forma, tão familiarizados com certas sequências sintagmáticas, oracionais, que, mesmo quando elas não são aplicadas, acabam refletindo em outra formação, dada certa semelhança entre elas. A partir das constatações deste estudo, elaboramos possíveis diretrizes linguístico-metodológicas que minimizem as dificuldades dos alunos para aplicar, em consonância com a gramática normativa, a vírgula.

**Palavras-chave:** escrita; vírgula; gramática.

## ABSTRACT

*This research, in general terms, aims at identifying possible motivations for the unexpected use of comma in academic texts, and correlating the use of commas with certain linguistic motivations. In this perspective, some occurrences sometimes are taken as mistakes, while at other times are considered as the result of an unexpected comprehension of the function of the system. The analysis*

\* Carla Maria Cunha, Doutora em Linguística pela UNICAMP, é Professora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN.

\*\* Maria Margarete Fernandes de Sousa, Doutora em Linguística pela UFPE, é Professora Associada da Universidade Federal do Ceará/UFC.

*is based on a corpus constituted of texts written by graduate and undergraduate students. For the analysis of the material, we founded the analysis on the approach of the Traditional Grammar and on the content of the Descriptive Grammar, which does not exclude from its approach the norm, nor the rule, but, instead, seeks to reach them from the analysis. In this study, it was observed, for instance, that the different uses of the comma might be associated with certain occurrences of the clausal structures of the language because of the influence of the phonetic and phonological level over the syntagmatic levels or syntagmatic divisions. The data analysis shows that the students are, in some way, familiarized with certain syntagmatic clausal sequences, that, even when they are not used, they end up reflecting on another formation, because of similarity among them. From the findings of this study, possible linguistic and methodological guidelines were elaborated to minimize the student's difficulties to use comma according to normative grammar.*

**Keywords:** writing; comma; grammar.

## 1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa *Reflexos na escrita de certos funcionamentos do sistema lingüístico do Português do Brasil* pretende, a partir de um *corpus* constituído por textos escritos (por alunos do Ensino Superior), identificar possíveis motivações para o uso inesperado de vírgula em textos acadêmicos e correlacionar certa presença de vírgula a determinadas motivações lingüísticas (ora tidas como erradas, ora vistas como resultantes de um entendimento inesperado do funcionamento do sistema).

Considerando que o ensino gramatical no Brasil continua tendo por referência a gramática normativa e considerando que a modalidade escrita da língua segue os ditames da gramática normativa, a análise aqui pretendida parte do conteúdo propagandeado por esse tipo de gramática.<sup>1</sup> Além da abordagem da gramática tradicional, traremos à discussão conteúdo da gramática descritiva, que não exclui de sua abordagem a norma, a regra, mas busca alcançá-la a partir da análise de vários usos.

O uso de vírgula está associado à estrutura oracional da língua. A sua aplicação bem sucedida atrela-se a um bom conhecimento dos constituintes de uma oração e das relações possíveis entre eles. Entretanto, uma hipótese a ser tratada estabelece que podem contribuir ainda, para a aplicação indevida de vírgula, os tipos de formações sintagmáticas oracionais mais recorrentes. Ou seja, certas formações oracionais são tão costumeiramente produzidas que, mesmo quando elas não são aplicadas, acabam refletindo em outra formação sintagmática oracional, dada certa semelhança entre elas. É o caso de enunciados constituídos por orações complexas (períodos compostos) envolvendo uma oração subordinada antecedida pela conjunção *que*. Esse tipo de estrutura costuma agregar uma informação intercalada entre a conjunção *que* e a oração propriamente subordinada. O fato de, na escrita, a informação intercalada ser colocada entre vírgulas e o fato de haver semelhança entre as estruturas oracionais mencionadas podem motivar a aplicação inesperada de vírgula nos textos dos alunos quando não se apresenta a informação intercalada. O uso devido e indevido de vírgula pode ser visto, respectivamente, nos trechos que seguem:

---

<sup>1</sup> Uma panorâmica sobre tipos de gramática encontra-se em Irandé Antunes, 2007.

(1) “Em relação ao ethos, verifica-se que, de acordo com a visão discursiva, esse se faz presente em todo e qualquer enunciado”; e (2) “Conclui-se que, a leitura é necessária para quem deseja escrever dignamente”.

Chama a atenção ainda o fato de algumas sequências de palavras ou mesmo palavras específicas atraírem o uso de vírgula, possibilitando a formulação da hipótese de que a vírgula pode ser aplicada como um elemento demarcador de um vocábulo fonológico. A interpretação de vocábulo fonológico é estabelecida por Câmara Júnior (1988), ao diferenciar o vocábulo fonológico do vocábulo formal: o vocábulo fonológico decorre da juntura de palavras, que são formalmente distintas, em consequência da velocidade de fala imprimida pelo falante. Ou seja, duas ou mais palavras passam a ser produzidas como uma só palavra, pois a juntura faz com que o acento tônico passe a recair em apenas uma das sílabas em sequência. O vocábulo ‘formal’ ou ‘mórfico’, por sua vez, remete à sequência de segmentos ou segmentos isolados que apresentam uma unidade de sentido na língua.

Se a criação de um vocábulo fonológico está exercendo uma força na aplicação de vírgula, pode-se, então, evidenciar a participação do nível fonético-fonológico do sistema atuando sobre o sintático. Tal possibilidade revelaria também a maleabilidade das fronteiras entre modalidade escrita e modalidade falada; e entre níveis de análise fonológico, morfológico e sintático.

Considerando a análise do *corpus* desta pesquisa, a presença inesperada de vírgula destaca-se:

1. em sua colocação ímpar, quando o esperado seria em par;
2. em sua colocação entre as funções de sujeito e núcleo do predicado;
3. e em sua colocação logo após conjunção ou locução conjuntiva precedente de uma oração subordinada.

A colocação inesperada de vírgula ímpar pode ser observada em casos de informações que deveriam ser interpretadas como adicionais em relação a outro(s) constituinte(s) em sequência no período. Portanto, considerando dada sequência de constituintes de um período e seu conteúdo semântico, certa informação, por ser adicional, deveria ser delimitada entre vírgulas. Textos do *corpus* em análise, entretanto, permitem verificar que produtores desses textos muitas vezes demarcam apenas o início ou o final dessas informações. Sendo assim, há indício de que o aluno percebe que ali se apresenta uma informação que requer separação formalmente sinalizada em relação à outra; mas, possivelmente, em decorrência da ausência de um conhecimento mais formal sobre o funcionamento da língua, acaba por não delimitar adequadamente os constituintes da oração a partir das relações ali estabelecidas.

A colocação inesperada de vírgula separando o sujeito do núcleo do predicado é, provavelmente, uma das mais recorrentes na produção de textos dos alunos. Dada tal produtividade, é possível estabelecer que, nesse caso, a vírgula atua como um marcador de autonomia do sintagma nominal em função de sujeito em relação ao núcleo do predicado da oração. A separação, feita por vírgula, do sujeito e do núcleo do predicado, ainda que transgrida a regra básica de que não se separam esses constituintes – postos em sequência –, revela outro funcionamento da língua: o reconhecimento de sintagmas nominais autônomos. Os sintagmas equivalem a uma palavra ou a um conjunto de palavras; quer sozinha, quer em sequência, há uma correspondência com uma unidade de sentido. Cada sintagma tem um núcleo. Quando os sintagmas são constituídos por mais de uma palavra, uma dessas palavras é considerada como núcleo, como o termo regente da relação entre elas. Os sintagmas nominais autônomos caracterizam-se por sua capacidade de se deslocar dentro de um enunciado ou de ser substituído por uma unidade simples (AZEREDO, 2002). Cogita-se, a partir da pertinência dessas formações na língua, que os alunos são levados a

demarcar com vírgula os clássicos constituintes da oração: sujeito e predicado. Ou ainda demarcar os sintagmas autônomos.

No que diz respeito à colocação de vírgula logo após *verbo + conjunção* ou da colocação de vírgula logo após uma locução conjuntiva precedente de uma oração subordinada (a exemplo de *conclui-se + que; visto que; para assim; uma vez que*), é possível interpretar que há a atuação do conteúdo fonético-fonológico da língua sobre o sintático.

Enquanto a separação, feita por vírgula, entre o sujeito e o núcleo do predicado, é interpretada como indicadora de certo conhecimento do aluno sobre a autonomia dos sintagmas de nível oracional, o uso de vírgula logo após *verbo + conjunção* ou locução conjuntiva pode indicar que o aluno, de certa forma, percebe uma unidade entre os elementos encadeados. Tal unidade é perceptível via formação de um vocábulo fonológico (CÂMARA JÚNIOR, 1988). Um vocábulo fonológico, como já mencionado, corresponde a formas vocabulares distintas que são produzidas na fala de um indivíduo como uma só.

A gramática normativa, ao descrever as regras para aplicação de vírgula nos textos escritos, não contempla a possibilidade de interferência de outros construtos da língua. Geralmente, é feita uma listagem de regras norteadoras da boa aplicação de vírgula.

Gramáticas normativas, ao desenvolverem sobre a aplicação de vírgula, elencam alguns empregos em comum (AZEREDO, 2010; BECHARA, 2010):

- separação de termos coordenados, interligados ou não por conectivos;
- separação de oração intercalada e/ou justaposta;
- separação, em geral, de adjunto adverbial que precede o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio de sua principal;
- separação de termos ou expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão etc. – formações que expressam conexões discursivas em geral;
- separação do vocativo;
- separação de aposto.

Do ponto de vista da gramática tradicional, há normas a serem obedecidas.<sup>2</sup> Normas que consideram a ordem canônica dos constituintes de uma oração, os arranjos possíveis de deslocamento desses constituintes, o conteúdo semântico do enunciado e o efeito pragmático de tal pontuação – considerando semelhanças e diferenças entre a modalidade oral e a modalidade escrita de uma língua.

Esses critérios parecem ser bons norteadores do uso de vírgula; no entanto, sua aplicação é vista como malsucedida nos textos dos alunos. Tal insucesso pode ser decorrente do fato de a vírgula ter, na escrita, um funcionamento de diacrítico – um acréscimo ao registro das palavras escritas e encadeadas em enunciados – ou do fato de a vírgula ser o correspondente artificial do que é natural na produção de fala, considerando que, na fala, a pausa breve entre os constituintes do enunciado se alia à entonação.

A produção de um texto escrito fica, para muitos alunos, em um limbo. Eles reconhecem em suas produções escritas elementos de sua língua falada e, concomitante, apercebem-se de que é outra. Na fala, eles sabem o lugar das pausas breves, o lugar em que é necessário altear a pro-

---

<sup>2</sup> Junkes (2002, p. 106-108), baseando-se em Rocha Lima, elenca 17 normas para a aplicação de vírgula. Em seguida, ela apresenta sua posição sobre tais normas: “É assustadora a seqüência de normas relacionadas ao emprego da vírgula. Existe, por parte dos gramáticos, consciência das implicações que trazem ao aprendizado essas normas?”

dução de um termo de forma a destacá-lo, por exemplo. Na escrita, parece tudo um contínuo de palavras, desatreladas de ritmo, de curva melódica.

*Grosso modo*, pode ser. Mas é preciso aprofundar essa questão e atentar se, na verdade, elementos naturais típicos da modalidade oral do sistema continuam, de certa forma, a atuar na produção de textos escritos dos alunos.

Os reflexos na escrita de certos funcionamentos do sistema linguístico do Português do Brasil podem conduzir a outras formulações para o uso de vírgula. Usa-se vírgula:

- para delimitar e diferenciar, em uma oração, o sintagma nominal máximo e autônomo, em função de sujeito, do predicado dessa oração (ocorrência motivada pelo reconhecimento da função dos constituintes básicos de uma oração);
- para delimitar, em uma oração, o agrupamento de palavras que constituem um vocábulo fonológico (ocorrência motivada pelo plano suprasegmental da língua falada);
- para delimitar, em uma oração, um elemento ou um agrupamento de elementos, de outro(s), com uma única vírgula (ocorrência motivada pelo nível fonético-fonológico e/ou pelo nível sintático. Na comparação dos vocábulos em fronteira, um elemento apresenta proeminência acentual em relação ao outro; ou, ainda, tal uso de vírgula ímpar aponte para o caso de separação de grandes constituintes da oração);
- para delimitar, a partir da relação entre os constituintes de um enunciado e do posicionamento em que eles se encontram no contexto dado, formações maiores de sintagmas (ocorrência motivada por relações de reciprocidade entre os constituintes da oração).

Formulações como essas não têm o intuito de promover a queda de regras de bom funcionamento para a produção de textos escritos. A pretensão é a de identificar as aplicações de vírgula que se distanciam dos ditames da gramática normativa; descrever, pelas ocorrências nos textos dos alunos, possíveis motivações para a aplicação inesperada de vírgula; e, a partir das interpretações que forem estabelecidas na pesquisa, elaborar possíveis diretrizes linguístico-metodológicas que minimizem as dificuldades dos alunos de aplicar, em consonância com a gramática normativa, a vírgula.

Como professores, precisamos atentar para outras possíveis motivações linguísticas que podem estar levando os alunos a uma aplicação inesperada de vírgula.

Para nortear o desenvolvimento da pesquisa, foram demarcados os seguintes objetivos:

- Identificar, nos textos dos alunos, usos sistematizados de vírgula.
- Identificar, nos textos dos alunos, usos assistemáticos de vírgula.
- Respalidar os usos sistematizados de vírgula a partir da produção dos alunos.
- Correlacionar a presença de vírgula – tidas como errôneas para alguns ou vistas como resultantes de um entendimento inesperado para outros – a determinadas motivações linguísticas.
- Estabelecer correspondência entre certas aplicações de vírgula e estruturas oracionais recorrentes.
- Estabelecer correspondência entre o registro de vírgula e a delimitação de sintagma maior, constituído por sintagmas menores que apresentam íntima relação sintática.
- Estabelecer correspondência entre o vocábulo fonológico e a aplicação de vírgula, delimitando-o.
- Estabelecer correspondência entre a aplicação de vírgula ímpar – quando o esperado seria em par – e a marcação de uma fronteira com proeminência acentual *versus* uma sem essa proeminência.

- Descrever possíveis motivações para a aplicação inesperada de vírgula.
- Elaborar possíveis diretrizes linguístico-metodológicas que minimizem as dificuldades dos alunos de aplicar, em consonância com a gramática normativa, a vírgula.

## 2 CORPUS E ANÁLISE DE DADOS

O *corpus* é constituído de textos escritos elaborados por alunos de graduação. As ocorrências devidas e indevidas de vírgula, de acordo com a gramática normativa, são destacadas de textos produzidos por alunos durante as atividades de disciplinas do curso de graduação. Exemplos dessas atividades são as produções de resenhas e de resumos ou as respostas dadas a questões abertas em provas e exercícios.

A produção escrita dos alunos foi digitalizada, tornando-se um banco de dados de escrita do português do Brasil (PB).

A pista para observação de ocorrências de vírgula indevidas parte de ocorrências de vírgula bem aplicadas. Pois estas últimas revelam o funcionamento do sistema como tal.

Nos dados abaixo, é possível depreender algumas ocorrências sistematizadas:

- (1) “Mattoso, assim, escolheu a consoante nasal debucalizada /N/ como representante fonológico das nasais, chamado, neste caso, como arquifonema, uma vez que houve perda de status fonológico entre os segmentos analisados.”

No dado (1), observa-se que o termo *assim*, com valor adverbial, foi colocado entre o sujeito e o núcleo do predicado da oração, por isso a ocorrência de vírgula precisa vir em par. A vírgula entre *representante fonológico das nasais* e o qualificador *chamado* determina que a informação cabível ao termo *chamado* é tida como suplementar. Já a formação adverbial *neste caso* fica entre vírgulas para destacar a informação e/ou por estar interpondo-se entre dois termos, sendo um determinado e o outro determinante, respectivamente, *chamado* e *como arquifonema*. E a vírgula antes da locução conjuntiva subordinativa *uma vez que* sinaliza que a oração seguinte está contida numa oração complexa e essa subordinação corresponde, no período focalizado, a um termo de valor adverbial.

- (2) “Essa nova palavra, surgida no processo de sândi externo, ganha o nome de vocábulo fonológico.”

No dado (2), a sequência sujeito + núcleo do predicado é interrompida pela intercalação do sintagma adjetivo *surgida no processo de sândi externo*, correspondente a uma oração subordinada adjetiva explicativa, como tal justifica-se estar entre vírgulas.

- (3) “Dessa forma, percebe-se que, comparando-se a primeira e a segunda formação, houve o aumento de uma sílaba devido ao acréscimo do segmento epentético [i] [...]”

No dado (3), o enunciado inicia-se com uma formação adverbial *dessa forma* que, por ênfase, foi seguida de vírgula. A estrutura seguinte é bem produtiva do PB: núcleo do predicado da oração principal + conjunção *que* e, na sequência, a colocação de uma vírgula, demarcando o início de uma oração subordinada adverbial cuja delimitação seguinte é pontuada com outra vírgula. Seguindo à segunda vírgula, encontra-se o complemento verbal constituído pela oração subordinada cuja conjunção é o *que* já mencionado. A primeira subordinada focalizada corresponde a um termo interposto entre o núcleo do predicado e seu complemento objeto direto.

- (4) “O atentado terrorista ao jornal *Charlie Hebdo*, ocorrido em janeiro deste ano, causou comoção internacional. Em pouco tempo, correu na internet um movimento favorável à liberdade de expressão, promovido, sobretudo, pela imprensa [...]”

No dado (4), observa-se novamente a interposição, nesse caso, de um sintagma adjetivo equivalente a uma oração subordinada explicativa entre o sintagma em função de sujeito *o atentado terrorista ao jornal Charlie Hebdo* e o núcleo do predicado *causou*. Repete-se também a estrutura oracional iniciada por um sintagma de valor adverbial, representado por *em pouco tempo*, seguido por vírgula. Outra sequência que se repete diz respeito à produção da formação adjetiva *promovido, sobretudo, pela imprensa* separada, por vírgula, de seu referente *um movimento favorável à liberdade de expressão*, por corresponder a uma oração subordinada adjetiva explicativa. Quanto ao termo adverbial *sobretudo*, posicionado entre o núcleo de um sintagma adjetivo *promovido* e o seu complemento *pela imprensa*, sua realização só faz sentido com a presença de vírgula em par ou sem nenhuma delas.

Dessas colocações de vírgula, pode-se concluir que:

- há uma preferência para a colocação de vírgula seguida a uma formação adverbial localizada no início do período;
- há uma sistematização à colocação de vírgula, em par, na delimitação de um sintagma adjetival interpretado como uma oração subordinada adjetiva explicativa – quando tem *status* de oração – ou interpretado como uma qualificação à parte de seu referente – quando não tem *status* de oração –;
- há uma sistematização à colocação de vírgula, em par, na delimitação de um sintagma adverbial – quer constitua uma oração subordinada, quer não – posicionado entre o sujeito e o núcleo do predicado;
- há uma recorrência à colocação de vírgula, em par, na sinalização de um sintagma adverbial interposto entre o núcleo do predicado e seu complemento (objeto direto, por exemplo) constituintes de uma oração complexa;
- há uma propensão à colocação de vírgula, em par, na demarcação de um sintagma adverbial – relacionado ao núcleo de um sintagma adjetivo –, interposto entre o núcleo e o complemento do sintagma adjetivo.

A maior parte das conclusões acima se reporta ao uso de vírgula com relação aos adjuntos adverbiais. Os gramáticos também fazem observações sobre essa aplicação. Bechara (2004, p. 610) especifica que, nesse caso, a vírgula é colocada “para separar, em geral, adjuntos que precedem o verbo e as orações adverbiais que vêm antes ou no meio de sua principal”, enquanto na visão de Almeida (2005, p. 574) constitui “erro colocar sistematicamente entre vírgulas advérbios e locuções adverbiais”, pois tais formações só devem ser colocadas entre vírgulas “quando indicam ênfase, obrigando o leitor a notar a força do advérbio ou da locução”. Diante do estabelecimento desses autores, parece não haver um consenso sobre tal aplicação de vírgula. Bechara preocupa-se em demarcar com vírgula o advérbio a partir de sua localização em relação ao núcleo do predicado da oração. Almeida, por sua vez, enfatiza a expressividade do advérbio demarcado pela vírgula.

Adjuntos adverbiais podem ser inseridos em determinadas posições dentro de uma oração, ocasionando formações interpostas, inserções. Se adjuntos adverbiais são, então, considerados formas intercaladas, há a quebra de uma ordenação, a quebra de uma relação entre

elementos que mantêm uma interação maior. A recorrência de inserções nos textos dos alunos leva a algumas ponderações.

Liberato e Fulgêncio (2007, p. 127) mencionam que “o leitor emprega estratégias de reconhecimento baseadas em tipos diferentes de conhecimento, isto é, estratégias sintáticas, semânticas, discursivas e pragmáticas”. Para a discussão desta pesquisa, as estratégias sintáticas mencionadas ressaltam-se. Embora o foco da análise de Liberato e Fulgêncio (2007) esteja na leitura, observa-se a pertinência dessa discussão na formulação do texto em si. Na introdução do livro dessas autoras, essa percepção fica bem evidente, ao ser mencionado que, em

qualquer atividade profissional, e mesmo na vida cotidiana, todos precisam conhecer os caminhos da escrita – tanto para escrever de forma inteligível quanto para ler com compreensão. Ler e escrever implicam em comunicação, e para atingir esse objetivo é preciso que o texto seja compreensível (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007, p. 9).

Como já foi mencionado, nos textos dos alunos é bastante recorrente o uso de termos interpostos. Tal uso chama a atenção por dois motivos: por um lado, revela fuga das estruturas canônicas do sistema (com demonstração de uma maior habilidade do aluno em manipular a língua) e, por outro lado, revela possível criação de novas estruturas recorrentes do sistema (com propensão a se tornarem básicas). Com relação ao nível sintático da língua, baseando-se em Perini (1980 apud LIBERATO e FULGÊNCIO, 2007), é descrito que a

inserção é uma ‘quebra’ na sentença, provocada por um trecho que é interposto numa estrutura linear e que interrompe a sequência esperada dos constituintes. A sequência linear esperada é chamada ‘estrutura canônica’ e é composta por estruturas do tipo *sujeito-verbo-objeto*, ou *sujeito-verbo intransitivo* ou *sujeito-verbo de ligação-predicativo*, que são as mais típicas na língua portuguesa (LIBERATO; FULGÊNCIO, 2007, p. 130).

Partindo da perspectiva das formações básicas do sistema, Liberato e Fulgêncio (2007, p. 131) entendem que a aplicação de formações interpostas dificulta a compreensão dos alunos no momento da leitura. Tanto é assim que estabelecem um princípio relativo às inserções: “**Princípio 18:** A presença de inserção entre os grandes constituintes da sentença constitui fator de dificuldade de leitura”. Fazendo uma correspondência entre dificuldade de leitura e inadequação na aplicação de vírgula, correlacionadas com a aplicação de inserções, observa-se que certas colocações ou ausências de vírgula acabam sendo inadequadas porque o aluno ou não tem a percepção da formação interposta – não faz o uso esperado de vírgula – ou tem, mas não com clareza suficiente para demarcar bem os limites da inserção – faz o uso ímpar de vírgula, ou no início ou no final da inserção. Vale ressaltar que não são apenas as formações interpostas que promovem o uso inadequado de vírgula ímpar.

Em sua explanação sobre o uso de vírgula, Junkes (2002) opõe-se à concepção de ordem canônica, visto que as possibilidades dela decorrentes abarcam a estrutura frasal, mas não abarcam outras possibilidades de coesão no nível do encadeamento textual.

O texto é constituído de parágrafos, uma de suas unidades. Esses, por sua vez, formam-se pelo encadeamento de enunciados, cujos constituintes mantêm entre si coesão em diferentes graus. O grau de coesão existente entre os constituintes estabelece a possibilidade de separá-los ou não. É precipuamente nesse sentido que se fala aqui em ‘posição normal’. Isso significa

também que é preciso recusar o que se traduz normalmente por ‘ordem canônica’ [...] (JUNKES, 2002, p. 108-109).

Os constituintes de um texto que apresentam entre si maior grau de coesão são denominados de unidades sintático-semânticas da frase (DACANAL, 1987 apud JUNKES, 2002). As unidades sintático-semânticas apresentam configurações diversas, por isso é necessário atentar para a pontuação em um texto escrito. É necessário observar o sentido que pode ser gerado em consequência das relações estabelecidas entre os constituintes e também em consequência da pontuação feita.

Os dados 5 e 6, abaixo, mostram o uso de vírgula ímpar no final, e não no início, de um sintagma de valor adverbial. Em uma perspectiva, essa pontuação isola um SN, ou um sintagma cuja função equivale a um SN, que é produzido posteriormente. Por outra perspectiva, essa pontuação privilegia a relação do núcleo do predicado com o sintagma adverbial.

- (5) “Partindo desse questionamento, é necessário ↓ antes de qualquer coisa, definir o significado de tal expressão.”<sup>3</sup>

O dado (5) permite observar que, enquanto a sequência *núcleo do predicado + adjunto adverbial* foi respeitada, a colocação da vírgula ímpar foi problemática, por sozinha, não destacar o advérbio e por acabar desfazendo a relação entre o núcleo do predicado e o sujeito posposto da oração.

- (6) “O medo de ser prejudicado pelas nossas ações acaba oprimindo ↓ muitas vezes, ideias extraordinárias.”

O dado (6) revela que a forte relação entre um verbo e um advérbio pode ter conduzido o aluno a não perceber que, no caso, o advérbio estava se interpondo aos elementos participantes de uma estrutura canônica: *núcleo do predicado + objeto direto*.

A estrutura *núcleo do predicado + objeto direto*, tida como canônica, mostra-se variando com a estrutura *núcleo do predicado + adjunto adverbial + objeto direto*. A interpretação de que a segunda formação – sobretudo quando colocada entre vírgulas – trata-se também de uma estrutura básica advém do fato de que é muito comum, mesmo estando interposto entre o núcleo do predicado e o objeto direto, o adjunto adverbial não ser colocado entre vírgulas. Se o adjunto adverbial encontra-se interposto dessa maneira e não causa problema de compreensão, é provável que essa ocorrência seja vista como básica.

Essa análise vai contra o divulgado por Liberato e Fulgêncio, ao mencionarem um teste feito por Perini (1982a apud LIBERATO e FULGÊNCIO, 2007) em que ele analisa a estrutura envolvendo a inserção de valor adverbial localizada exatamente entre o núcleo do predicado e o objeto direto. O teste feito levou Perini a concluir que tal inserção dificulta a compreensão do texto, pois a relação do núcleo do predicado com o objeto foi esquecida pela maior parte dos alunos. Por outro lado, não houve esquecimento da relação entre o núcleo do predicado com o objeto, quando eles foram colocados em sequência.

Considerando que a função de objeto direto participa da transitividade verbal e a de adjunto adverbial não, pode-se entender que, mesmo estabelecendo como básicas a estrutura *núcleo do predicado + objeto direto* e a estrutura *núcleo do predicado + adjunto adverbial + objeto direto*, a primeira estrutura sobressaia em relação à segunda dentro do sistema. Talvez essa diferença de

---

<sup>3</sup> O símbolo ↓ vai representar o lugar vazio de uma vírgula.

*status* promova a maior familiaridade do aluno com uma formação do que com a outra. E isso se mostre no resultado do teste aplicado por Perini.

- (7) “Para a mídia e uma parcela das pessoas que acompanharam o caso, o fato mais gritante ↓ e conseqüentemente mais evidente, foi a morte violenta dos colonistas.”

O dado (7) permite cogitar que o conectivo *e* poderia estar relacionando, de modo mais simétrico, dois sintagmas adjetivos ao referente *fato*. Ainda que tenha sido introduzido como um conector de uma informação também qualificadora do termo *fato*, essa informação foi dada como um acréscimo; apartada de seu referente. Tal interpretação baseia-se na aplicação da vírgula colocada em seguida ao segundo sintagma de valor adjetival, que tem por referente o termo *fato*.

A marcação de vírgula ímpar no dado 7 permite ainda interpretar que há, com a pontuação feita, a identificação dos sintagmas em função de sujeito e de núcleo do predicado. Uma demonstração do reconhecimento de dois constituintes tradicionais da oração.

- (8) “Os segmentos [r] e [h], no corpus [a’rara], [‘kara], [ba’rul’ku], [‘hatu] e [‘hoza] ↓ estão, um em relação ao outro, em distribuição complementar.”

O dado (8) sugere que, embora esteja sendo bem recorrente nos textos dos alunos a estrutura *sujeito*, + *adjunto adverbial*, + *núcleo do predicado*, a extensão maior e composta por itens isolados – que compreende tal adjunto adverbial – pode ter levado o aluno a esquecer de fechar a informação intercalada. O aluno pode até ter interpretado os elementos mais próximos elencados como o sujeito da oração, dada a extensão da informação interposta e dada sua composição conter itens lexicais próximos ao núcleo do predicado.

No capítulo sobre pontuação, Almeida (2005, p. 571), em sua gramática, menciona que:

[...] pausas existem que na leitura se fazem meramente por ênfase; vezes há – e isso facilmente poderá comprovar o aluno – em que separamos, na leitura ou em um discurso, o sujeito do verbo; outras em que separamos o verbo do seu complemento, mas erro cometeremos se graficamente representarmos tais pausas por vírgula, porque **não se pode pôr vírgula entre o sujeito e o verbo nem entre o verbo e o seu complemento**, ou seja, não se concebe que se separem termos que mantêm entre si íntima relação sintática. [...] “AMBAS AS VÍRGULAS SE COLOCAM, OU AS DUAS SE TIRAM”.

Com isso, pode-se concluir que são básicas as ocorrências *sujeito* + *núcleo do predicado*; *sujeito* + *adjunto adverbial* + *núcleo do predicado*; *sujeito*, + *adjunto adverbial*, + *núcleo do predicado*; *assim como núcleo do predicado* + *objeto direto*; *núcleo do predicado* + *adjunto adverbial* + *objeto direto* e *núcleo do predicado*, + *adjunto adverbial*, + *objeto direto*.

- (9) “Portanto, [o] varia com [u], pelo fato de que, se substituídos um pelo outro ↓ não acarretam alteração no significado das palavras.”

O dado (9) permite interpretar que o elemento *que* atrai a pausa para logo depois de si, demarcando a fronteira entre os constituintes da oração principal e os da subordinada cuja locução conjuntiva é *pelo fato de que*. Além do elemento *que* poder ser visto como participante de um vocábulo fonológico em que recai sobre ele a tonicidade. Ou seja, apresenta uma proeminência

em relação aos demais constituintes desse vocábulo. Outra força que pode estar atuando para a pontuação realizada diz respeito ao arranjo sintático *pelo fato de que* ser visto inclusive como uma forma fixa ou bem recorrente em textos escritos.

Ainda sobre o dado (9), chama a atenção o fato de que a vírgula ímpar impõe um limite claro de uma outra oração complexa, apresentada posteriormente, envolvendo uma principal com sua subordinada (“se substituídos um pelo outro ↓ não acarretam alteração no significado das palavras”). Como a posição da oração subordinada adverbial condicional encontra-se no início do período, de acordo com a pontuação feita, e como é recorrente o uso de advérbio no início de um arranjo sintático – sem que seja separado por vírgula dos demais constituintes da oração – a vírgula não foi colocada no limite final da subordinada.

- (10) “No processo de neutralização das consoantes nasais [...], ocorre a perda do status fonológico dessas consoantes que, estando em onset ↓ são consideradas fonemas e ↓ passando para coda ↓ são consideradas variantes [...]”

Os dados (9) e (10) indicam que há o registro de vírgula ímpar, onde o esperado é que venham em par: em (9), “*pelo fato de que, se substituídos um pelo outro ↓ não acarretam alteração no significado das palavras.*” e, em (10), “*consoantes que, estando em onset ↓ são consideradas fonemas.*” Há, nesses enunciados, duas fronteiras a ser delimitadas, porém o aluno só demarca a que tem uma acentuação mais forte. Se for observada a incidência da tonicidade silábica, verifica-se que a vírgula é colocada logo após a produção tônica de *que*.<sup>4</sup> Os termos *onset* e *coda*, que estão no limite da informação a ser pontuada com outra vírgula, terminam por sílaba átona. O ambiente de atonicidade leva ao esquecimento do registro de vírgula.

Esse entendimento é reforçado pelo comparativo de ocorrências ainda do dado (10) “*consoantes que, estando em onset ↓ são consideradas fonemas e ↓ passando para coda ↓ são consideradas variantes [...]*”. No comparativo, observa-se que ora há falta do registro da segunda vírgula, ora há a falta do registro de duas. É possível identificar que, no bloco de fronteiras em que uma delas apresenta a conjunção *que* tônica, há o registro de uma vírgula, já no bloco de fronteiras em que os termos ali posicionados criam um ambiente de atonicidade não há incidência de duas vírgulas. Os termos *onset* e *coda* – produzidos com sílaba átona final – e o conectivo *e* – sem tonicidade própria – não apresentam proeminência acentual capaz de atrair para junto de si a vírgula. Talvez, por isso, o aluno não a tenha registrado.

Ainda tratando do dado (10), o elemento *que* mostra-se, novamente, atraindo a pausa para logo depois de si – mesmo quando vem sozinho, ou seja, não participa de uma locução. Parece se delinear que tal marcação prepondera, no nível sintático, como uma fronteira entre os constituintes da oração principal e os da subordinada. A vírgula ímpar depois de *que* acaba também separando o sujeito (*que*) do núcleo do predicado (*são*). O elemento *que*, seja como conjunção subordinativa, seja como pronome relativo, mostra-se atrativo à pontuação de uma vírgula. Vale lembrar que alguns tipos de palavras apresentam especificidades de colocação. Por exemplo, os pronomes átonos são inseridos nos enunciados, sendo colocados em próclise, ênclise ou mesóclise. Tais posicionamentos dependem de vários fatores: tipo de oração em que os pronomes átonos encontram-se, tipo de palavra com a qual se avizinham, tempo verbal etc. Uma oração subordinada que apresente um pronome átono tem essa forma pronominal anteposta ao seu verbo.

<sup>4</sup> O entendimento do elemento *que* como tônico pode ser discutível. A produção do vocábulo fonológico [kis'tãdu], a partir da junção de *que* + *estando*, também seria natural. A delimitação da fronteira sintática atua para a produção tônica de *que*.

Costumeiramente, essa subordinada é encabeçada por uma conjunção ou locução conjuntiva (BECHARA, 2004). Fazendo um paralelo dessas ocorrências com a incidência de vírgula em certos lugares do enunciado, é possível aventar que, assim como as conjunções promovem a anteposição dos pronomes átonos em relação ao verbo, as conjunções ou as locuções conjuntivas atraem a vírgula para junto de si. Essa atração é motivada, como visto, por fatores tanto fonético-fonológicos quanto sintáticos.

No dado (10), vê-se, por mais duas vezes, a oração subordinada adverbial antecedendo os constituintes da principal sem que haja a colocação de vírgula pontuando as margens entre elas (“estando em onset ↓ são consideradas fonemas e ↓ passando para coda ↓ são consideradas variantes [...]”). É pertinente retomar a controvérsia entre gramáticos no que diz respeito ao registro de vírgula considerando os advérbios. Conforme Bechara (2004), a vírgula depois de “*estando em onset* ↓” e antes e depois de “↓ *passando para coda* ↓” é necessária por essas formações corresponderem a adjuntos adverbiais que precedem o núcleo do predicado. Para Almeida (2005), no entanto, a vírgula apareceria nesses casos para enfatizar os adjuntos adverbiais.

### 3 DIRETRIZES LINGÜÍSTICO-METODOLÓGICAS PARA MINIMIZAR DIFICULDADES DE APLICAÇÃO DE VÍRGULA

Os professores da área de língua portuguesa, no desenvolvimento dos conteúdos da disciplina, precisam

- apresentar a língua como um sistema veiculado pela escrita e pela fala;
- inteirar os alunos de que os constituintes de uma língua podem passar por interpretações diversas;
- pôr em xeque a crença bastante difundida de que só há um tipo de gramática válida, e de que se trata da gramática normativa;
- orientar seus alunos para o valor de cada abordagem apresentada, exaltando as aplicações possíveis de cada uma e revelando também as limitações que apresentam;
- conscientizar os alunos para o(s) tipo(s) de gramática em que baseia seu ensino.

Ainda que prepondere o ensino de gramática normativa nos diversos níveis da educação escolar – por unificar, de certa forma, a aprendizagem formal da língua e por ser o conteúdo básico exigido na averiguação de conhecimento em concursos –, os alunos precisam tomar consciência:

- de que a modalidade escrita da língua pode sofrer influência da modalidade falada, de que ambas são faces de um mesmo sistema;
- de que, para um mesmo recorte de língua, pode haver diversas interpretações;
- de que, no estudo da sintaxe da língua, podem-se também observar fatos de outro nível de análise, como o fonético-fonológico e o morfológico, por exemplo;
- de que sua escrita, muitas vezes, revela um funcionamento linguístico válido, embora seja distanciado dos ditames da gramática normativa;
- de que a identificação, em sua escrita, de ocorrências inesperadas e o reconhecimento de prováveis motivações linguísticas para tais ocorrências podem levá-los a produzir textos mais próximos da regulação da gramática normativa.

## 4 CONCLUSÃO

A ocorrência de certas vírgulas nos textos causa estranhamento, por não se coadunar com as regras da gramática normativa. A recorrência do estranhamento vem de se manter a avaliação da aplicação de vírgula na perspectiva apenas de um tipo de gramática, no caso, a normativa.

Para uma adequação no uso de vírgula, por um lado, os alunos precisam ter conhecimento dos constituintes da língua e das relações e posições que eles podem assumir em uma oração; por outro lado, os professores precisam atentar para manifestações do sistema da língua que podem estar contribuindo para que outras possibilidades de aplicação de vírgula venham à tona. No entanto, sendo a vírgula uma marca da modalidade escrita da língua e tendo a escrita, diferentemente da fala, uma tendência a ser homogênea, é necessário que os alunos aprendam a aplicar a vírgula segundo as regras da gramática normativa. Tal aprendizagem, contudo, pode ser facilitada se houver o entendimento, por parte dos alunos, de que os níveis fonético-fonológico, morfológico, morfofonológico podem também estar atuando, mesmo que o conhecimento em aquisição pareça ser apenas do nível sintático.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irlandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábolas, 2007.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2005.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

JUNKES, Terezinha Kunh. *Pontuação: uma abordagem para a prática*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

LIBERATO, Yara; FULGÊNCIO, Lúcia. *É possível facilitar a leitura: um guia para escrever claro*. São Paulo: Contexto, 2007.